

KARIN
SLAUGHTER

A ESPOSA
SILENCIOSA

Tradução
Laura Folgueira

 Harper
Collins
Rio de Janeiro, 2020

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

Nota da autora

Agradecimentos

Para Wednesday

Fale comigo.

Deixe-me ver esses olhos enquanto aprendo.

Por favor, não os esconda por causa das lágrimas.

Deixe-me ninar você com um “Calma, calma, agora pare de se mexer”.

Deixe-me ver onde dói e como curar a dor.

Me poupar? Não me poupe de problema algum.

Me incomode, me perturbe com todos os seus problemas e aflições.

Fale comigo e nossas palavras vão construir um abrigo da tempestade.

Trouble Me

Por Natalie Merchant e Dennis Drew,

10,000 Maniacs

Nota: esta é uma obra de ficção. Tomei algumas liberdades com a linha do tempo.

PRÓLOGO

BECKEY CATERINO VASCULHOU OS cantos mais escuros da geladeira do alojamento. Examinou os rótulos dos alimentos com raiva, buscando suas iniciais rabiscadas em qualquer coisa — queijo cottage, comida pronta, pizzas congeladas, cachorro-quente vegano, até palitos de cenoura.

KP, Kayleigh Pierce. DL, Deneshia Lachland. VS, Vanessa Sutter.

— Vacas.

Beckey bateu a porta da geladeira com tanta força que as garrafas de cerveja chacoalharam. Ela chutou a coisa mais próxima que encontrou, por acaso, a lata de lixo.

Embalagens vazias de iogurte rolaram pelo chão, juntas de sacos amassados de pipoca light e várias garrafas de Coca Zero. Tudo com duas letras escritas em canetinha preta nos rótulos.

BC.

Beckey olhou para os pacotes de comida vazios que tinha comprado com seu dinheiro precioso e que as colegas de alojamento babacas comeram enquanto ela passava a noite na biblioteca escrevendo um trabalho que valia cinquenta por cento de sua nota de química orgânica. Tinha que encontrar o professor às 7 horas para se certificar de que estava no caminho certo.

Olhou rápido para o relógio.

Eram 4h57 da manhã.

— Suas filhas da puta! — gritou para o teto.

Acendeu todas as luzes que conseguiu encontrar. Os pés descalços abriram um caminho de fogo pelo carpete do corredor. Estava exausta. Mal conseguia ficar de pé. O saco de Doritos e dois pães de canela gigantes da máquina da biblioteca tinham virado cimento em seu estômago. Só o que a fizera ir para o alojamento era a promessa de comida.

— Podem ir acordando, suas ladras escrotas!

Bateu com tanta força que a porta de Kayleigh se abriu bruscamente.

A fumaça de maconha fazia uma cortina no teto. Kayleigh piscou para ela debaixo dos lençóis. O cara junto dela virou-se de lado.

Era Markus Powell, namorado de Vanessa.

— Caralho! — Kayleigh pulou da cama, nua exceto por uma meia no pé esquerdo.

Beckey socava as paredes enquanto caminhava para o próprio quarto. O menor deles, com que tinha se oferecido para ficar porque era um capacho que não sabia se defender contra três garotas da mesma idade, mas com o dobro na conta corrente.

— Não conta pra Nessa! — pediu Kayleigh, correndo atrás dela, ainda nua. — Não foi nada, Beck. A gente ficou bêbado e...

A gente ficou bêbado e.

Toda merda de história que aquelas vacas contavam começava com essas mesmas cinco palavras. Quando Vanessa foi pega chupando o namorado de Deneshia. Quando o irmão de Kayleigh acidentalmente mijou no armário. Quando Deneshia pegou a calcinha dela “emprestada”. As três sempre estavam bêbadas, chapadas, transando com alguém ou ferrando umas com as outras, porque aquilo não era a faculdade, era um Big Brother onde ninguém era eliminado e todo mundo tinha gonorreia.

— Beck, por favor. — Kayleigh esfregou os braços nus. — Nessa ia terminar com ele, mesmo.

As opções de Beckey eram começar a gritar e nunca mais parar ou sair dali o mais rápido possível.

— Beck...

— Vou sair para correr.

Ela abriu uma gaveta com força. Procurou suas meias, mas, claro, nenhuma tinha par. O top esportivo favorito estava embolado embaixo da cama. Pegou o short de corrida sujo e aceitou usar duas meias que não combinavam, uma delas com um furo no calcanhar. Ficar com uma bolha não era nada em comparação a continuar ali, onde ia enlouquecer com cada ser vivo.

— Beckey, para de ser escrota! Você está me magoando.

Ela ignorou a reclamação. Pendurou os fones de ouvido no pescoço e ficou chocada de encontrar o iPod Shuffle exatamente onde devia estar. Kayleigh era a mártir do alojamento, todos os seus crimes eram em nome do bem maior. Ela só transara com Markus porque Vanessa partira o coração dele. O único motivo para copiar a prova de Deneshia era que a mãe ia ficar arrasada se ela reprovasse em outra matéria. Tinha comido o macarrão instantâneo de Beckey porque o pai estava preocupado por ela ser magra demais.

— Beck. — Kayleigh tentou desviar do assunto. — Por que você não

conversa comigo? O que está acontecendo?

Beckey estava prestes a dizer exatamente o que estava acontecendo quando, por acaso, notou que a presilha de cabelo não estava na mesa de cabeceira, onde sempre deixava.

Sentiu o ar escapar de seus pulmões.

Kayleigh ergueu as mãos, alegando inocência.

— Não fui eu que peguei.

Beckey ficou momentaneamente hipnotizada pelas aréolas perfeitamente redondas dos seios dela, os mamilos empinados como um segundo par de olhos.

— Cara, tá bom, eu comi suas coisas da geladeira — admitiu Kayleigh. — Mas eu nunca tocaria na sua presilha de cabelo. Você sabe disso.

Beckey sentiu um buraco se abrir no peito. A presilha era de plástico barato, do tipo que se comprava na farmácia, mas significava mais para ela do que qualquer coisa no mundo, porque era a última coisa que a mãe lhe dera antes de entrar no carro, sair para o trabalho e ser morta por um motorista bêbado que entrou na contramão da rodovia interestadual.

— Ei, Blair e Dorota, dá pra manear no volume? — A porta do quarto de Vanessa se abriu. Os olhos dela eram duas fendas na cara inchada de sono. Ela passou batido pela nudez de Kayleigh e foi direto a Beckey. — Menina, você não pode sair pra correr na porra da hora dos estupros.

Beckey saiu correndo. Passou pelas duas vacas. Subiu o corredor. Voltou para a cozinha. Atravessou a sala de estar. Saiu pela porta. Outro corredor. Três lances de escadas. A sala de lazer principal. A porta de vidro, que exigia cartão magnético para entrar de volta, mas dane-se, porque precisava se afastar daquelas monstras. Da malevolência casual delas. Das línguas afiadas, dos seios pontudos e dos olhares maldosos.

O orvalho molhou suas pernas enquanto ela corria pelo pátio gramado do campus. Beckey contornou uma barreira de concreto e chegou à estrada principal. O ar ainda estava gelado. Uma a uma, as lâmpadas da rua foram sendo desligadas conforme o amanhecer se aproximava. Sombras abraçavam as árvores. Ela ouviu alguém tossindo à distância. Seu corpo foi atingido por um tremor repentino.

Hora dos estupros.

Como se elas ligassem se Beckey fosse estuprada. Como se ligassem de ela mal ter dinheiro para comida, de precisar trabalhar muito mais, estudar mais,

esforçar-se mais, correr mais... mas sempre, sempre, não importava o quanto se dedicasse, acabava dois passos atrás de todo mundo.

Blair e Dorota.

A garota popular e a empregada gorducha e bajuladora de *Gossip Girl*. Duas chances para descobrir quem fazia qual papel na cabeça de todos.

Beckey colocou os fones de ouvido e deu play no iPod preso no cós da saia. A música do Flo Rida começou.

Can you blow my whistle baby, whistle baby ...

Os pés batiam no chão no ritmo. Ela passou pelos portões da frente, que separavam o campus da ruela triste do centro da cidade. Não havia bares nem lugares de encontros de alunos, porque a universidade ficava num condado em que era proibido vender álcool. Seu pai dizia que era como Mayberry, mas, de alguma forma, mais branco e tedioso. A loja de ferramentas. A clínica infantil. A estação de polícia. A loja de roupas. O velho dono da lanchonete lavando a calçada com mangueira, enquanto o sol despontava acima das árvores. A luz dava a tudo um brilho de fogo sombrio laranja-avermelhado. O velho tocou o boné quando ela passou, em saudação. Beckey tropeçou numa rachadura do asfalto e teve que parar. Olhou direto para a frente, fingindo que não vira o homem largar a mangueira no chão e se mexer para ajudá-la, porque queria manter em mente a verdade de que todos na terra eram babacas e sua vida era uma merda.

— Beckey — tinha dito sua mãe, tirando a presilha de plástico da bolsa —, desta vez estou falando sério. É pra me devolver depois.

A presilha de cabelo. Dois pentes articulados com um dos dentes quebrado. A estampa de tartaruga era malhada como um gato. Julia Stiles usava uma igual em *10 coisas que eu odeio em você*, que Beckey vira com a mãe um quintilhão de vezes, porque era um dos poucos filmes que ambas amavam.

Kayleigh não teria roubado a presilha mesa de cabeceira. Era uma vaca sem coração, mas sabia o que a presilha significava para Beckey, porque as duas tinham ficado chapadas juntas, uma vez, e ela contara a história toda. Contara que estava na aula de inglês quando a diretora foi buscá-la. Que o policial que fazia a segurança da escola estava esperando no corredor e que ela tinha surtado porque nunca se metera em problemas. Mas não estava metida em problemas. Em algum lugar bem lá no fundo, Beckey devia saber que algo estava horrivelmente errado, porque, quando o policial começara a falar, sua audição falhara como uma ligação ruim de celular, palavras soltas cortando a estática...

Mãe... interestadual... motorista bêbado...

Estranhamente, Beckey estendera a mão para a presilha na cabeça. A última coisa em que a mãe tocara antes de sair de casa. Beckey abriu os dentes. Passara os dedos pelo cabelo para soltá-lo. Apertara a presilha de plástico na palma da mão com tanta força que um dente se quebrara. Ela se lembrava de pensar que a mãe ia matá-la — *quero de volta*. Mas, depois, percebera que a mãe não podia matá-la mais, pois estava morta.

Beckey limpou lágrimas de seu rosto conforme chegava ao final da rua principal. Esquerda ou direita? Na direção do lago, onde moravam os professores e gente rica, ou dos lotes minúsculos, pontuados por trailers e casas pequenas?

Virou à direita, para longe do lago. Em seu iPod, Flo Rida dera lugar a Nicki Minaj. Sentiu o estômago revirar os Doritos e pães de canela, jogando o açúcar direto na garganta. Desligou a música. Deixou os fones de ouvido caírem ao redor do pescoço. Os pulmões fizeram aquele movimento tremido que sinalizava que estavam prontos para parar, mas ela continuou, respirando bem fundo, os olhos ainda ardendo conforme os pensamentos voltavam para a lembrança de estar sentada no sofá com a mãe, comendo pipoca light enquanto cantavam “Can’t Take My Eyes Off You” junto com Heath Ledger.

You’re just too good to be true...

Beckey correu mais rápido. O ar ficava mais parado conforme avançava pelo bairro triste. Os nomes das ruas, estranhamente, tinham tema de café da manhã: rua do Omelete. Passarela Bolinho. A luz vermelho-alaranjada tinha virado um marrom sujo. Picapes desgastadas e carros velhos lotavam a paisagem. A tinta das casas descascava. Várias janelas estavam fechadas com tábuas. O calcanhar começou a latejar de dor. Que surpresa: o buraco na meia estava formando uma bolha. A memória puxou uma imagem: Kayleigh pulando da cama usando apenas uma meia.

A meia de Beckey.

Diminuiu o ritmo para uma caminhada. Então, parou no meio da rua. As mãos descansaram nos joelhos quando se dobrou à frente para recuperar o fôlego. O pé estava ardendo de verdade, como se tivesse uma vespa presa no sapato. Não ia conseguir voltar ao campus sem arrancar a pele do calcanhar. Precisava se encontrar com a dra. Adams às sete da manhã para revisar o trabalho. Beckey não sabia que horas eram, mas sabia que a médica ficaria irritada se não aparecesse. Não estava mais na escola; ali, os professores podiam ferrar de verdade com quem desperdiçava seu tempo.

Kayleigh teria de buscá-la. A maldita era um ser humano deplorável, mas Beckey sempre podia confiar em uma carona de resgate — mesmo que só pelo drama. Colocou a mão no bolso, mas a memória tirou outro conjunto de imagens: Beckey na biblioteca deslizando o telefone para a mochila e, depois, no alojamento, jogando a mochila no chão da cozinha.

Sem telefone. Sem Kayleigh. Sem ajuda.

O sol já estava ainda mais acima das árvores, mas ela ainda sentia uma escuridão se aproximando. Ninguém sabia que estava lá. Ninguém a esperava de volta. Era num bairro desconhecido. Um bairro desconhecido *e ruim*. Bater numa porta e pedir para usar o telefone parecia o começo de uma matéria triste no jornal. Já podia ouvir o repórter narrando em sua cabeça ...

As colegas de alojamento de Beckey acharam que ela estava tirando um tempo para se acalmar. Dra. Adams supôs que ela tivesse faltado à reunião porque não finalizara o trabalho. Ninguém sabia que a jovem caloura nervosa batera à porta de um estuprador canibal...

O odor pungente de algo estragado a trouxe de volta à realidade. Um caminhão de lixo virou na intersecção no começo da rua, então chiou os freios até parar. Um cara de macacão pulou da parte de trás. Rolou uma lata de lixo. Encaixou no negócio de levantar. Beckey observou os mecanismos triturando o lixo dentro do caminhão. O homem de macacão nem se dera ao trabalho de olhar em sua direção, mas Beckey, de repente, ficou atordoada pelo sentimento de estar sendo observada.

Hora dos estupros.

Ela se virou, tentando lembrar se dobrava à esquerda ou à direita naquela rua em particular, que sequer tinha placa. A sensação de estar sendo observada se intensificou. Beckey analisou as casas, o interior dos caminhões e dos carros. Nada a olhou de volta. Nenhuma cortina se mexeu nas janelas. Nenhum estuprador canibal saiu para oferecer ajuda.

Seu cérebro imediatamente fez aquela coisa que as mulheres não deviam fazer: repreendeu-se por estar assustado, ignorou a intuição, disse para ir na direção da situação que a assustava, em vez de fugir correndo feito um bebê.

Beckey contra-argumentou: saia do meio da rua. Fique perto das casas, onde há gente dentro. Grite pra caralho se alguém chegar perto. Volte para o campus, porque lá vai estar segura.

Todos bons conselhos, mas onde ficava o campus?

Ela se esgueirou entre dois carros estacionados e não chegou a uma calçada, e, sim, a uma faixa estreita de ervas-daninhas entre duas casas. Numa cidade,

teria chamado de beco, mas ali era mais como um lote abandonado. Bitucas de cigarro e garrafas de cerveja quebradas jogadas por todo o chão. Beckey conseguia ver um campo bem aparado atrás das casas, depois, o bosque logo acima.

Ir para lá parecia um contrassenso, mas ela era íntima das trilhas de terra que cruzavam o bosque. Provavelmente acharia outros alunos certinhos andando de bicicleta, indo para o lago fazer tai chi ou praticando sua corrida matinal. Olhou para cima, usando o sol como guia. Ir a oeste a levaria de volta ao campus. Com ou sem bolha, teria que voltar ao alojamento, porque não podia reprovar em química orgânica.

Beckey sentiu o gosto de um arrote azedo na boca, com um aroma distinto de canela. A garganta estava incomodando. As guloseimas da máquina de vendas estavam forçando uma segunda aparição. Tinha que voltar ao alojamento antes de vomitar. Não queria despejar tudo na grama, igual a um gato.

Caminhar entre as duas casas a fez tremer tanto que os dentes bateram. Aumentou o ritmo, atravessando o campo aberto. Não correu, mas também não caminhou. A bolha parecia um belisco no calcanhar cada vez que pisava. Fazer careta de dor ajudava. Depois, começou a se forçar a seguir em frente. Passou a trotar pelo campo, as costas queimando com milhares de olhares que, provavelmente, não a estavam observando.

Provavelmente.

A temperatura caiu quando adentrou o bosque. Sombras se moviam, entrando e saindo da linha de visão. Não teve dificuldades de encontrar uma trilha que já conhecia de milhares de corridas. A mão foi para o iPod, mas ela mudou de ideia. Queria ouvir o silêncio do bosque. Só um raio de sol ocasional conseguia cortar as copas grossas das árvores. Pensou sobre o que acontecera mais cedo. Sobre quando estava parada em frente à geladeira. O ar frio tocando as bochechas fervendo. Os sacos de pipoca e garrafas de Coca-Cola vazios espalhados pelo chão. Aquelas piranhas iam pagar pela comida. Sempre pagavam. Não eram ladras. Só eram preguiçosas demais para ir ao mercado e desorganizadas demais para bolar uma lista quando Beckey se oferecia para fazer as compras.

— Beckey?

Uma voz de homem a fez virar a cabeça, mas seu corpo continuou em frente. Viu o rosto dele no mínimo segundo entre tropeçar e cair. Parecia gentil, preocupado. A mão estava esticada para ajudá-la enquanto caía.

A cabeça bateu contra algo duro. O sangue encheu a boca. A visão ficou borrada. Tentou rolar para o lado, mas só conseguiu fazer metade do movimento. O cabelo estava preso em algo. A coisa puxava os fios. Arrancava. Ela colocou a mão atrás da cabeça, por algum motivo esperando encontrar a presilha da mãe. Em vez disso, sentiu madeira, depois aço. Então o rosto do homem entrou em foco, e ela percebeu que o que estava cravado em seu crânio era um martelo.

CAPÍTULO UM

Atlanta

WILL TRENT REMEXEU O corpo de 1,93 metro, tentando encontrar uma posição confortável para as pernas dentro do Mini da parceira. O topo da cabeça se encaixava bem no teto solar, mas o carrinho de bebê no banco de trás limitava seriamente o espaço na frente. Tinha que manter os joelhos bem próximos para não resvalar sem querer na marcha. Devia estar parecendo um contorcionista, mas Will pensava em si mesmo mais como um nadador mergulhando e saindo da conversa que Faith Mitchell parecia estar tendo consigo mesma. Em vez de braçada-braçada-respiração, era nada-nada-*o que foi, mesmo?*

— Então eu estava lá às três da manhã, postando uma resenha péssima sobre aquela espátula claramente defeituosa... — Faith tirou as duas mãos do volante para fazer mímica de que estava digitando. — E aí percebo que tinha colocado um saquinho de sabão de roupa na máquina de lavar louça, o que é uma loucura, porque a lavanderia fica no andar de cima. E, dez minutos depois, estava parada na janela pensando: *será que maionese é mesmo um instrumento musical?*

Will notara a inflexão da voz no fim, mas não conseguia saber se a mulher queria uma resposta. Tentou relembrar a conversa. O exercício não lhe trouxe clareza. Estavam no carro havia quase uma hora, e Faith já tinha mencionado, sem ordem específica, o preço exorbitante da cola em bastão, o Complexo Industrial de Aniversários do Chuck E. Cheese e o que chamava de tortura de pais postando fotos dos filhos voltando às aulas enquanto a filha pequena ainda estava em casa.

Ele inclinou a cabeça para o lado, voltando à conversa.

— Aí, chegamos à parte em que Mufasa cai e morre. — falou, aparentemente, sobre um filme. — Emma começa a chorar cântaros, igualzinho ao Jeremy quando tinha a idade dela, e me dei conta de que, por

algum motivo, acabei dando à luz duas crianças diferentes a exatamente dois *O rei leão* de distância.

Will saiu de novo da conversa. Sentiu o estômago se contrair com o nome de Emma. A culpa se espalhou como chumbo grosso em seu peito.

Quase matara a filha de 2 anos de Faith.

Tinha sido assim: Will e a namorada estavam de babás de Emma. Sara cuidava de burocracias na cozinha, e Will estava sentado na sala de estar com a menina, mostrando a ela como substituir a minúscula bateria de botão num brinquedo. O objeto estava desmontado na mesa de centro. Will tinha equilibrado a bateria do tamanho de uma balinha na ponta do dedo, para Emma poder ver. Estava explicando que deviam tomar cuidado extra para não deixá-la por aí, porque Betty, a cadela, podia comê-la sem querer, quando, de repente, sem qualquer aviso, Emma se inclinara para a frente e sugara a bateria para dentro da boca.

Will trabalhava na AIG, a Agência de Investigação da Geórgia, uma versão estadual do FBI. Já estivera em emergências do mundo real em que vida e morte estavam em jogo, e a única coisa que mudava a balança era sua habilidade de agir rápido.

Mas, quando aquela bateria desapareceu, Will ficou paralisado.

O dedo vazio ficou estendido, impotente. Seu coração se dobrou como uma bicicleta ao redor de um poste telefônico. Só conseguia observar em câmera lenta enquanto Emma se acomodava, com um sorrisinho no rosto de querubim, e se preparava para engolir.

Foi quando Sara salvou a todos. Tão depressa quanto Emma abocanhara a bateria, Sara se lançou como uma ave de rapina, enfiou o dedo em forma de gancho na boca da menina e pescou o objeto de volta.

— Enfim, estava olhando por cima do ombro dessa menina na fila do mercado, e ela estava mandando um monte de mensagem para o namorado...

— Faith passara para outra história. — Aí, ela foi embora, e tenho que passar o resto da vida sem saber se o namorado pegou ou não a irmã dela.

O ombro de Will bateu na janela quando Mini fez uma curva fechada. Estavam quase na prisão estadual. Sara estaria lá, fato que transformou a culpa de Will em relação a Emma numa trepidação em relação a Sara.

Ele se remexeu de novo no banco. As costas se descolaram do couro. Desta vez, Will não estava suando de calor. Estava suando de nervoso por seu relacionamento com Sara.

As coisas estavam indo bem, mas, de algum jeito, também estavam indo

muito, muito mal.

Por fora, nada havia mudado. Ainda estavam passando mais noites juntos do que separados. No fim de semana, tinham compartilhado a refeição favorita dela — café da manhã pelado de domingo — e a refeição favorita dele — o segundo café da manhã pelado de domingo. Sara ainda o beijava da mesma forma. Parecia que ainda o amava da mesma forma. Ainda jogava as roupas sujas a três centímetros do cesto, ainda pedia salada, mas comia metade das batatas fritas dele... porém algo estava horrivelmente errado.

A mulher que martelara a cabeça de Will nos últimos dois anos, forçando-o a falar sobre coisas de que não queria, de repente, declarou que um assunto era zona proibida.

Acontecera assim: seis semanas antes, Will chegara em casa depois de resolver algumas tarefas na rua. Sara estava sentada à mesa da cozinha. De repente, ela começara a falar sobre reformar a casa dele. Não só reformar, mas demolir, para que houvesse mais espaço para ela, o que era um jeito meio esquisito de dizer a Will que deviam morar juntos. Então, ele decidiu emendar um pedido de casamento meio esquisito, dizendo que deviam se casar numa igreja, porque a mãe dela ficaria feliz.

Então, o chão congelou e ele ouviu um som de rachadura estalando sob seus pés, o gelo envelopou todas as superfícies, e a respiração de Sarah saiu numa baforada quando, em vez de dizer “*Sim, meu amor, eu adoraria me casar com você*”, falou, numa voz mais gelada que os pingentes de gelo caindo do teto:

— *Que porra minha mãe tem a ver com isso?*

Os dois tinham discutido, o que tinha sido complicado para Will, já que não sabia exatamente por que estavam discutindo. Conseguira dar alguns golpes sobre a casa não ser boa o bastante para ela, mas logo se transformou numa briga sobre dinheiro, que o deixou em melhor pé, já que Will sempre fora um funcionário público humilde e Sara — bem, Sara atualmente era uma funcionária pública humilde, mas, antes disso, tinha sido uma médica rica.

A discussão continuara até a hora de encontrar os pais dela para um brunch. E, aí, Sara colocara um limite na discussão de casar ou morar juntos pelas três horas seguintes, e aquele período se prolongou pelo resto do dia, depois pelo resto da semana, e já se passara um mês e meio. Will estava vivendo com uma colega de apartamento muito gata que vivia querendo fazer sexo com ele, mas só aceitava falar sobre o que pedir para jantar, a determinação da irmã mais nova de estragar sua vida e como era fácil aprender os vinte algoritmos que resolviam um cubo mágico.

Faith entrou no estacionamento da prisão, dizendo:

— Claro que, como o mundo me odeia, foi bem naquela hora que minha menstruação finalmente veio.

Ela ficou em silêncio enquanto entrava numa vaga. A última frase não teve conclusão. Ela estava esperando resposta? Sim, sim, ela definitivamente estava esperando resposta.

Will decidiu-se por:

— Que droga.

Faith pareceu assustada, como se acabasse de perceber que ele estava no carro.

— O que é uma droga?

Ele compreendeu perfeitamente que ela *não estava* esperando uma resposta.

— Meu Deus, Will. — Ela colocou o carro em ponto morto, irritada. — Por que não me avisa da próxima vez que estiver mesmo escutando?

Faith saiu do carro batendo o pé e foi na direção da entrada de funcionários. Estava de costas para Will, mas ele a imaginou resmungando a cada passo. Ela mostrou a identidade para a câmera em frente ao portão. Will esfregou o rosto. Respirou o ar quente dentro do carro. Será que todas as mulheres da sua vida eram loucas, ou ele era um idiota?

Só um idiota faria essa pergunta.

Ele abriu a porta e conseguiu se contorcer para fora do Mini. O suor fazia o couro cabeludo coçar. Era a última semana de outubro, e o calor fora do carro não era muito melhor do que dentro. Will ajustou a arma no cinto e pegou o terno pendurado entre a cadeirinha de Emma e um saco de biscoitos velhos. Virou-o na boca, igual ao Homer Simpson, de olho num ônibus de transporte de prisioneiros que entrava na rua. O veículo quicou ao passar num buraco. Atrás das janelas gradeadas, os rostos dos prisioneiros exibiam vários tons de miséria.

Will jogou o saco vazio no banco de trás, mas pegou de volta e carregou-o enquanto andava na direção da entrada de funcionários. Ergueu o olhar para o prédio rebaixado e deprimente. A Prisão Estadual Phillips era uma instalação de segurança média localizada em Buford, a mais ou menos uma hora de Atlanta. Quase mil homens estavam alojados em dez unidades com dois dormitórios cada uma. Sete tinham celas para dois, os outros eram combinações de celas para uma ou duas pessoas e de isolamento, com prisioneiros SM/GE. SM significava prisioneiros diagnosticados com problemas de saúde mental. GE significava gestão especial, ou proteção

policial, o que significava policiais e pedófilos, as duas classes mais odiadas em qualquer prisão.

Havia um motivo para os SM e os GE estarem juntos. Para alguém de fora, a cela de uma pessoa só parecia um luxo. Para um prisioneiro em isolamento, significava vinte horas por dia de confinamento solitário numa caixa de concreto sem janelas, de três metros por cinco. E isso depois de um processo revolucionário que decretou que as antigas regras de confinamento solitário da Geórgia eram desumanas.

Quatro anos antes, a Phillips, junto com outras nove prisões estaduais da Geórgia, foi alvo de uma investigação do FBI que derrubou 47 agentes penitenciários corruptos. Todos os que sobraram tinham sido transferidos dentro do sistema. O novo diretor não aceitava palhaçada, o que era bom e ruim, dependendo de como se via os perigos inerentes ao encarceramento de homens irritados e isolados. A prisão estava em confinamento depois de dois dias de rebeliões. Seis agentes penitenciários e três prisioneiros tinham ficado feridos. Um detento fora assassinado no refeitório.

Era por causa deste crime que estavam lá.

Segundo a lei estadual, a AIG deveria investigar todas as mortes ocorridas em custódia. Os prisioneiros saindo no ônibus de transporte não deviam estar diretamente implicados no assassinato, apenas deviam ter cumprido algum papel na rebelião. Estavam recebendo o que se chamava de *terapia a diesel*. O diretor estava se livrando dos bocudos, dos agitadores de merdas, dos joguetes das rivalidades de gangue... Tirar quem causava problemas era bom para a saúde da prisão, mas não tanto para os homens que estavam sendo mandados embora. Eles estavam perdendo o único lugar que podiam chamar de casa, indo para uma instituição nova bem mais perigosa do que a que deixavam para trás. Era como começar em uma escola nova, mas, em vez de garotas malvadas e valentões, havia estupradores e assassinos.

Uma placa de metal estava presa ao portão de entrada. Departamento Penitenciário da Geórgia, DPG. Will jogou o saco de biscoitos na lata de lixo ao lado da porta, e limpou as mãos na calça para se livrar do farelo amarelo. Depois, esfregou as digitais sujas na palma das mãos, até parecerem menos horríveis.

A câmera ficava a cinco centímetros do topo da sua cabeça. Will teve que dar um passo para trás para mostrar as credenciais. Depois de um apito alto e um clique, estava dentro do prédio. Deixou a arma num armário e guardou a chave no bolso. Depois, precisou tirar a chave do bolso, junto com tudo o mais,

para passar pela fila de segurança. Foi levado para a porta de ferro por um agente penitenciário silencioso que usou o queixo para se comunicar: *E aí, cara, sua parceira está no fim do corredor, vem comigo.*

O agente arrastava os pés em vez de andar, um hábito que vinha com o emprego. Não havia necessidade de pressa quando o lugar para onde iam era exatamente igual ao lugar de onde estavam saindo.

A prisão tinha os sons típicos de uma prisão. Detentos berrando, batendo nas grades, protestando contra o confinamento e/ou as injustiças da humanidade. Will afrouxou o nó da gravata conforme se aprofundavam nas entranhas da instalação. O suor escorria pelo pescoço. Prisões eram difíceis de esfriar e esquentar por natureza. Os corredores amplos e longos, com esquinas duras. As paredes de bloco de concreto e o piso de linóleo. O fato de que cada cela tinha um esgoto aberto para as necessidades e cada homem lá dentro gerava suor suficiente para transformar o fluxo suave do rio Chattahoochee em correntezas de nível seis.

Faith esperava por ele diante de uma porta fechada, de cabeça baixa, enquanto anotava alguma coisa em seu caderno. A tagarelice a tornava muito boa no trabalho. Faith estivera ocupada reunindo informações enquanto Will comia biscoitos.

Ela cumprimentou o agente penitenciário mudo com um movimento da cabeça, e ele assumiu seu lugar do outro lado da porta. A mulher então disse a Will:

— Amanda acabou de chegar. Quer ver a cena do crime antes de falar com o diretor. Seis agentes do escritório local de North Georgia estão avaliando suspeitos há três horas. Vamos entrar rasgando quando tiverem uma lista de suspeitos viáveis. Sara disse que está pronta quando quisermos.

Will olhou pela janela da porta.

Sara Linton estava parada no meio do refeitório, usando um macacão Tyvek branco. O cabelo longo castanho-avermelhado estava preso embaixo de um boné azul. Ela era perita médica da AIG, um desenvolvimento recente que deixara Will extremamente feliz até cerca de seis semanas atrás. Sara conversava com Charlie Reed, chefe da perícia criminal, que estava ajoelhado para fotografar uma pegada de sapato sangrenta. Gary Quintana, assistente de Sara, segurava uma régua ao lado da pegada, para dar referência de escala.

Ela parecia cansada. Processando a cena havia quatro horas. Will estava em sua corrida matinal quando a ligação a tirara da cama, e ela deixara um bilhete com um coração desenhado no canto.

Will tinha ficado olhando aquele coração por mais tempo do que admitiria a qualquer pessoa viva.

— Ok, então, a rebelião começou há dois dias. Às 11:58 da manhã de sábado — disse Faith.

Will desviou sua atenção de Sara. Esperou a parceira continuar.

— Dois criminosos começaram a trocar socos — disse ela. — O primeiro agente penitenciário que tentou apartar foi derrubado. Cotovelo na cara, cabeça no chão e até amanhã. Quando ele caiu, começou o jogo. O segundo agente foi enforcado. Um terceiro que correu para ajudar foi golpeado na cabeça. Depois disso, alguém pegou as armas de choque, outro agarrou as chaves, e foi rebelião total. Claramente, o assassinato foi planejado.

Will assentiu para o *claramente*, porque rebeliões de prisão tendiam a vir em surtos, como alergias. Sempre havia uma coceira distinta, e sempre havia um cara ou um grupo, que sentia aquela coceira e começava a planejar como usar a rebelião para sua própria vantagem. Saquear a dispensa? Colocar alguns guardas no lugar deles? Tirar alguns rivais do caminho?

A questão era se a vítima tinha sido dano colateral ou um alvo específico. Da porta do refeitório, era difícil julgar. Will olhou de novo pela janela. Contou 13 mesas grandes, cada uma com um banco para acomodar doze pessoas, todos soldados ao chão. Havia bandejas espalhadas pelo cômodo. Guardanapos de papel. Comida estragada. Um monte de líquido seco, principalmente, sangue. Vários dentes. Will notou que a mão de alguém, congelada, despontava por baixo de uma das mesas. Supôs que pertencesse à vítima. O corpo do homem estava embaixo de outra mesa perto da cozinha, de costas para a porta. O uniforme branquíssimo, lavado com a água sanitária da prisão, com listras azuis, dava à cena do crime uma sensação de massacre na sorveteria.

— Olha — começou Faith —, se você ainda está chateado com a história da Emma e da bateria, não fique. Não é culpa sua as baterias parecerem tão deliciosas.

Will achava que, ao ver Sara, soltara algum sinal de incômodo que Faith tinha captado.

— Crianças pequenas são tipo os piores prisioneiros — continuou ela. — Quando não estão mentindo na sua cara e detonando suas coisas, estão dormindo, cagando ou tentando pensar em formas diferentes de ferrar com a sua vida.

O agente penitenciário levantou o queixo. *Pode crer.*

Faith perguntou ao homem:

— Pode avisar ao nosso pessoal que estamos aqui?

O cara assentiu como se dissesse *posso, sim, moça, eu vivo para servir*, e saiu arrastando os pés.

Will observou Sara pela janela. Ela estava fazendo alguma anotação numa prancheta. Tinha aberto o zíper do macacão e amarrado as mangas em volta da cintura. Não usava o boné. O cabelo estava amarrado num rabo de cavalo frouxo.

— É a Sara? — indagou Faith.

Will baixou o olhar para a parceira. Volta e meia se esquecia de como ela era minúscula. Cabelo loiro. Olhos azuis. Cara perpétua de decepção. Com as mãos nos quadris e a cabeça voltada tão para cima que o queixo e os seios formavam o mesmo tipo de curva, ela lembrava Pearl Pureheart, a namorada do Super Mouse, se ela tivesse engravidado aos 15 anos e depois de novo aos 32.

O que era o principal motivo para não falar com sua parceira sobre Sara. Faith agia forçosamente como mãe de todos em volta, fosse um suspeito em custódia ou o caixa do supermercado. A infância de Will tinha sido bem barra pesada. Ele sabia de muitas coisas sobre o mundo que a maioria das crianças nunca aprendia, mas não sabia como ser cuidado por uma mãe.

A segunda razão para o silêncio era que Faith era uma policial das boas. Levaria apenas dois segundos para resolver o Caso da Namorada Que Não Quer Mais Conversar.

Pista número um: Sara era uma pessoa extremamente lógica e consistente. Ao contrário da ex psicótica de Will, ela não viera ao mundo vomitada de uma montanha-russa infernal. Se estava brava, irritada, incomodada ou feliz, sempre dizia a Will como tinha ficado daquele jeito e o que queria fazer a respeito.

Pista número dois: Sara não era de joguinhos. Não havia gelo, bicos ou comentários maldosos para interpretar. Will nunca precisava adivinhar no que ela estava pensando, porque ela sempre dizia.

Pista número três: Sara claramente gostava da vida a dois. Antes de ficarem juntos, fora casada duas vezes, ambas com o mesmo homem. E ainda estaria com Jeffrey Tolliver se ele não tivesse sido assassinado cinco anos antes.

Solução: Sara não tinha objeção ao casamento nem ao pedido improvisado.

A objeção era a se casar com Will.

— Lá vem Voldemort — anunciou Faith, assim que ouviram o clique-claque do salto alto da vice-diretora, Amanda Wagner.

Amanda andava pelo corredor com o celular nas mãos. Ela vivia mandando

mensagens ou fazendo ligações em busca de informações com a rede de velhas amigas, um grupo assustador de mulheres, quase todas aposentadas, que Will só conseguia visualizar sentadas ao redor de um covil secreto tricotando proteções para granadas de mão.

A mãe de Faith era uma delas.

— Muito bem. — Amanda percebeu as calças manchadas de cheddar de Will a dez metros. — Agente Trent, você foi o único mendigo que caiu do trem, ou tinha outros?

Will pigarreou.

— Ok. — disse Faith, folheando o caderno. — A vítima é Jesus Rodrigo Vasquez, hispânico de 38 anos, cumpriu seis de dez anos por LCD depois de não passar num teste de metanfetamina no pronto-socorro, três meses antes.

Will traduziu mentalmente: *Vasquez, preso por lesão corporal dolosa, serviu seis anos antes de sair em condicional, e três meses atrás foi reprovado num dos testes de drogas obrigatórios para presos em liberdade condicional. Então foi mandado de volta à prisão para cumprir o resto da pena de dez anos.*

Amanda perguntou:

— Afiliação?

Ele era de alguma gangue?

— Suíça — disse Faith. *Neutro.* — A ficha está cheia de advertências por trazer telefones no cofre. — *Ele foi pego várias vezes escondendo celulares no ânus.* — Pelo jeito, o cara vivia no trono. — *Sempre fazendo merda.* — Meu chute é que foi morto porque abriu a boca.

— Problema resolvido. — Amanda bateu no vidro para chamar atenção. — Dra. Linton?

Sara se demorou pegando alguns instrumentos antes de abrir a porta.

— Estamos terminando de processar a cena do crime. Vocês não precisam de macacões, mas tem muito sangue e fluidos.

Ela entregou máscaras e protetores de sapato aos três. Apertou de leve a mão de Will quando ele pegou seu kit, então continuou:

— O corpo está saindo do *rigor mortis* e entrando em processo de decomposição; isso, combinado com a temperatura do fígado e a temperatura ambiente mais alta, nos dá um horário de óbito fisiológico consistente com relatos de que Vasquez foi atacado há mais ou menos 48 horas. O que coloca a hora da morte perto do início da rebelião.

Amanda perguntou:

— Primeiros minutos ou primeiras horas?

— Estimativa entre meio-dia e quatro da tarde de sábado. Se quiser um horário exato, vai ter que confiar nos testemunhos. — Sara ajustou a máscara de Will enquanto lembrava a Amanda: — Claro que a ciência sozinha não é capaz de delimitar a hora precisa.

— Claro. — Amanda não era fã de estimativas.

Sara revirou os olhos para Will. Ela não gostava muito do jeito da mulher.

— Tem três localizações na cena do crime de Vasquez: duas nesta área principal, uma na cozinha. Vasquez tentou resistir.

Will estendeu a mão por trás de Sara, segurando a porta aberta. O cheiro de merda e urina, cartão de visitas dos prisioneiros em rebelião, permeava cada molécula do cômodo.

— Meu deus... — Faith apertou as costas da mão contra a máscara.

A parceira já não era muito boa com cenas de crime, mas o cheiro ali estava tão forte que até Will ficou com os olhos lacrimejando.

Sara se virou para seu assistente:

— Gary, pode pegar os alicates menores na van? Vamos ter que desferrolhar essa mesa para remover o corpo.

Gary saiu, alegremente, o rabo de cavalo balançando debaixo da touca. Ele estava na AIG havia menos de seis meses. Aquela com certeza não era a pior cena de crime que já processara, mas tudo dentro de uma prisão era mais avassalador.

O flash da câmera de Charlie estourou. Will piscou, tentando ajustar os olhos depois do golpe de luz.

— Consegui dar uma olhada no vídeo de segurança — contou Sara para Amanda. — Tem nove segundos de gravação, pega o começo da briga e vai até o comecinho da rebelião. Foi aí que uma pessoa não identificada veio de fora da imagem, por trás da câmera, e cortou a transmissão.

— Sem digitais válidas na parede, no cabo ou na câmera — informou Charlie.

Sara continuou:

— A discussão começou na frente do refeitório, perto do balcão de serviço. As coisas esquentaram bem rápido. Seis prisioneiros de uma gangue rival entraram na briga. Vasquez ficou sentado na mesa do canto, ali. Os outros onze homens da mesa dele correram para a frente do refeitório, para ver melhor a confusão. Foi aí que cortaram a transmissão.

Will avaliou as distâncias. A câmera ficava na parte de trás do cômodo, então nenhum dos onze homens poderia ter ido até lá sem serem vistos.

— Por aqui. — Sara os levou para uma mesa no canto, onde doze bandejas de almoço estavam postas diante de doze assentos de plástico. A comida estava mofada, com leite estragado derramado por todo o tampo. — Vasquez foi atacado por trás. O trauma com objeto contundente criou uma fratura de crânio com afundamento. A arma, provavelmente, foi um objeto pequeno e pesado balançado em alta velocidade. A força do golpe impeliu a cabeça para a frente, e pedaços do que parecem os dentes da frente de Vasquez ficaram encrustados na bandeja.

Will olhou de novo para a câmera. Parecia uma operação de dois homens — um cortou a transmissão, outro neutralizou o alvo.

A máscara de Faith era sugada para dentro e para fora enquanto ela respirava pela boca.

— O primeiro golpe foi para matar ou paralisar?

— Não posso afirmar a intenção — respondeu Sara. — Foi um golpe considerável. Não localizei laceração, mas fratura com afundamento é exatamente o que o nome sugere: o osso quebrado fica afundado para dentro, pressionando o cérebro.

— Por quanto tempo ele se manteve consciente? — perguntou Amanda.

— Pelas evidências, podemos deduzir que a vítima ficou consciente até o momento do óbito. Não sei dizer em que estado. Com certeza sentia náuseas. É muito provável que estivesse com a visão borrada. Mas o quanto estava raciocinando? Bem, impossível dizer. Cada um reage diferente a um trauma craniano. Do ponto de vista médico, sempre que falamos de lesão cerebral, a única certeza é a falta de certezas.

— Claro. — Amanda estava de braços cruzados.

Will também cruzou os seus. Cada músculo do corpo estava retraído. A pele parecia tensa. Não importava quantas cenas de crime investigasse, seu corpo nunca aceitava como natural a proximidade de um ser humano que tinha sido violentamente assassinado. Podia lidar com o fedor de comida estragada e excrementos. Mas o odor metálico do sangue quando o ferro oxida deixava um gosto no fundo da garganta que durava uma semana.

— Vasquez apanhou até cair no chão — continuou Sara. — Quatro molares do lado esquerdo foram quebrados na raiz, a mandíbula esquerda e o osso orbital sofreram fraturas. A análise preliminar também sugere fraturas na costela esquerda. Dá para ver que os respingos de sangue na parede e no teto têm um padrão semicircular. Encontramos três conjuntos de pegadas aqui, então vocês estão procurando dois agressores, ambos, provavelmente, destros.

Eu chutaria que os golpes foram dados usando uma meia com cadeado, por isso não vai haver dano óbvio nas mãos dos agressores.

Uma meia com cadeado era exatamente o que nome sugeria: um cadeado guardado dentro de uma meia.

Sara continuou:

— Vasquez, de alguma forma, acabou descalço após o ataque inicial. Não achamos os sapatos nem as meias em lugar algum do refeitório. Os agressores estavam usando tênis do uniforme da prisão, com padrões de solado idêntico. Mesmo assim, podemos deduzir bastante das pegadas de sapatos e pés. A próxima localização para onde o levaram foi a cozinha.

— E essa tatuagem? — Amanda estava do outro lado do cômodo, examinando a mão decepada. — É um tigre? Um gato?

Foi Charlie quem respondeu:

— A base de dados de tatuagens diz que um tigre pode simbolizar ódio à polícia, ou que ele é um ladrão gatuno.

— Um condenado que odeia a polícia. Impressionante... — Amanda estalou os dedos para Sara. — Vamos prosseguir, dra. Linton.

Sara gesticulou para que todos a seguissem até a parte da frente do refeitório. A esteira de recolhimento estava cheia de bandejas vazias, indicando que alguns prisioneiros tinham terminado o almoço antes do início da rebelião.

— Vasquez tinha mais ou menos 1,72 metro e pesava 63 quilos — continuou Sara. — Estava desnutrido, mas não é de se surpreender, já que era usuário de drogas intravenosas. Encontramos marcas de agulha no braço esquerdo, entre os dedos do pé esquerdo e na carótida direita, portanto, podemos supor que ele era destro. Tem um cutelo de carne na área de preparação da cozinha e muito sangue, o que aponta que a mão esquerda foi removida lá.

— Não foi ele mesmo que cortou? — indagou Amanda.

Sara balançou a cabeça.

— Improvável. Sapatos e pegadas indicam que ele foi segurado.

— Não encontramos marcas distintas nas pegadas de tênis — acrescentou Charlie. — Como Sara disse, são padrão. Todos os prisioneiros usam o mesmo modelo.

Sara chegou ao local de descanso final de Vasquez. Agachou-se em frente à outra mesa. Todos imitaram, menos Amanda.

Will sentiu as narinas inflarem. O corpo passara quase dois dias inteiros apodrecendo no calor. A decomposição já estava bem avançada. A pele

descolava do osso. Alguém empurrara o corpo de Vasquez para baixo da mesa com o pé, chutando-o para fora do caminho como um adolescente chutaria roupas sujas para baixo da cama. Faixas de sangue e marcas de solado de sapato indicavam que pelo menos dois homens o puseram ali.

Os pés descalços de Vasquez estavam cobertos de sangue. O corpo estava de lado, dobrado na cintura, com a única mão restante esticada à frente. O toco ensanguentado onde costumava ficar a outra mão estava enfiado na barriga. Literalmente. Os assassinos de Vasquez o esfaquearam tantas vezes que a barriga se abriu como uma flor grotesca. O toco do pulso estava fincado dentro da cavidade corporal, como um caule.

Sara se pronunciou:

— Na falta de evidências do contrário, a causa da morte é hemorragia incontrolável ou choque.

O cara parecia mesmo em choque. Olhos esbugalhados. Lábios abertos. Fora isso, ele tinha um rosto comum, descontando o inchaço e a mancha preta em forma de lua crescente em que o sangue se acumulara, no ponto mais baixo do crânio. Cabeça raspada. Bigode de ator pornô. Um pingente de cruz num cordão de ouro fino no pescoço, permitido pelo DPG por ser um símbolo religioso. A corrente era delicada. Talvez um presente da mãe, filha ou namorada. Will podia concluir algumas coisas do fato de que os assassinos tinham tirado os sapatos e as meias de Vasquez, mas deixado o colar.

— Merda. Isso aqui é merda — gemeu Faith, pressionando a máscara com as mãos, sentindo ânsia de vômito.

Os intestinos de Vasquez estavam pendurados para fora do abdome, como linguças cruas. As fezes tinham se acumulado no chão e secado até virar uma massa preta do tamanho de uma bola de basquete murcha.

Amanda se virou para Faith:

— Vá verificar se já reviraram a cela de Vasquez. Se sim, quero saber quem e o que encontrou. Se não, faça as honras.

Faith nunca precisava de uma segunda ordem para se afastar de um cadáver.

— Will. — Amanda já estava digitando no celular. — Termine aqui, depois comece a segunda rodada de entrevistas. Esses homens tiveram tempo o bastante para acertar as histórias. Quero que isso se resolva rápido. Não é uma situação de agulha no palheiro.

Will achava que era exatamente esse tipo de situação. Tinham cerca de mil suspeitos, todos criminosos.

— Sim, senhora.

Sara inclinou a cabeça, num gesto para que ele a seguisse até a cozinha. Puxou a máscara para baixo.

— Faith durou mais do que eu imaginei.

Will também puxou a máscara. A cozinha estava uma confusão similar. Bandejas e comidas jogadas por todo lado. Marcadores plásticos amarelos no bloco de açougueiro indicavam onde a mão de Vasquez tinha sido cortada. Havia um cutelo de carne caído no chão. O sangue tinha jorrado como uma cachoeira.

— Sem digitais na faca — informou Sara. — Envolveram o cabo em papel-filme, que depois jogaram pelo ralo da pia.

Will viu que o ralo embaixo da pia estava desconectado. O pai de Sara era encanador, e ela sabia se virar com canos básicos.

— Todos os indícios indicam que os agressores tiveram a presença de espírito de encobrir seus rastros — afirmou Sara.

— Por que levar a mão para o refeitório?

— Eu chutaria que jogaram a mão para longe, atravessando o ambiente.

Will tentou construir uma teoria provisória sobre o crime.

— Quando a briga começou, Vasquez ficou sentado à mesa. Não se levantou, porque não é membro de alguma gangue. — Prisioneiros tinham sua própria forma de Otan. Um ataque a um aliado significava que a pessoa também estava na briga. — Só dois caras foram para cima dele, não uma gangue.

— Isso diminui o campo de suspeitos? — perguntou Sara.

— Prisioneiros tendem a se agregar. Vasquez não teria se misturado abertamente com detentos de outra raça. — O palheiro tinha ficado menor. — Parece um plano de contingência. *Se tiver uma rebelião, matamos o cara desse jeito.*

— O caos cria oportunidade.

Will esfregou a mandíbula enquanto analisava as pegadas de sapatos e pés ensanguentadas pelo chão. Vasquez lutara como o diabo.

— Ele devia ter alguma informação, não é? Não se corta a mão de alguém à toa. Ele foi segurado e ameaçado, e, quando não deu o que queriam, pegaram um cutelo e cortaram a mão dele.

— É o que eu faria.

Will sorriu.

Sara sorriu de volta.

O telefone vibrou em seu bolso, mas ele não atendeu.

— Vasquez era conhecido por esconder telefones dentro do corpo. Pode ser por isso que foi eviscerado?

— Não tenho certeza de que ele foi eviscerado, acho que foi esfaqueado repetidamente. Se estivessem procurando um telefone, o golpe de cadeado na meia nas costelas teria agido como uma espécie de manobra de Valsalva. Tem um motivo para os guardas mandarem tossir quando a pessoa se abaixa. O aumento da pressão abdominal reduz a força constritiva do esfíncter. O telefone teria caído logo no primeiro golpe — explicou Sara. — Além do mais, cortar a barriga não faz muito sentido. Se eu estivesse procurando um telefone no ânus de alguém, olharia no ânus.

Faith tinha um timing impecável.

— Opa, estou atrapalhando um momento íntimo?

Will tirou o telefone do bolso. A ligação perdida era da parceira.

— Achamos que os assassinos de Vasquez estavam buscando alguma coisa. Informação. Talvez a localização de contrabandos.

— A cela de Vasquez estava limpa — anunciou Faith. — Nada de contrabando. A julgar pela coleção de arte, o cara era fã de mulheres seminuas e de Nosso Senhor Jesus Cristo. — Ela deu um tchauzinho para Sara enquanto levava Will de volta pelo refeitório, onde cobriu o nariz com as mãos, bloqueando o cheiro. — Nick e Rasheed diminuíram a lista de suspeitos para 18 possíveis candidatos. Ninguém com homicídio doloso na ficha, mas temos dois homicídios culposos e um mordedor de dedo.

— O dedo dele próprio ou de outra pessoa?

— De outra pessoa — respondeu Faith. — Para nossa surpresa, não temos testemunhos confiáveis, mas vários delatores ofereceram teorias da conspiração. Sabia que o Estado tem uma rede de pedofilia no sistema de bibliotecas da prisão?

— Sim. Acha que esse assassinato parece pessoal?

— Com certeza. Estamos atrás de dois homens hispânicos, mais ou menos da faixa etária de Vasquez... de dentro do círculo social dele?

Will fez que sim.

— Quando foi a última vez que a cela de Vasquez foi revistada?

— Houve uma busca na prisão toda há 16 dias. O diretor trouxe oito equipes para vasculhar as celas. O escritório do delegado mandou doze representantes. Foi um choque. Ninguém estava esperando. Mais de quatrocentos telefones foram confiscados, talvez duzentos carregadores, além

dos narcóticos e armas de sempre. Mas os telefones eram o problema mais óbvio.

Will sabia do que ela estava falando. Celulares dentro de uma prisão podiam ser muito perigosos, embora nem todos os encarcerados os usassem para propósitos nefastos. O Estado ficava com uma fatia de todas as ligações feitas pelos telefones fixos, cobrando um mínimo de 50 dólares para abrir um cartão telefônico, depois cerca de cinco paus por uma ligação de quinze minutos e mais cinco a cada vez que a pessoa adicionava mais fundos. Por outro lado, era possível alugar um celular sem internet de outro prisioneiro por 25 dólares a hora.

E havia os propósitos nefastos. Smartphones podiam ser usados para encontrar informações pessoais sobre os agentes penitenciários, supervisionar organizações criminosas através de mensagens criptografadas, organizar esquemas de proteção para famílias de prisioneiros e, mais importante, coletar dinheiro. Aplicativos como Venmo e Paypal tinham substituído cigarros e pacotes de batatas fritas como moeda na prisão. As gangues mais sofisticadas usavam Bitcoin. A Irmandade Ariana, a Gangue da Máfia Irlandesa e a Nação de Sangue Unida arrecadavam milhões no sistema carcerário estadual.

E bloquear o sinal de celular era ilegal nos Estados Unidos.

Will segurou a porta aberta para Faith ao sair. O sol banhava o pátio de recreação vazio. Viu sombras atrás das janelas estreitas das celas. Mais de um homem gritava. A opressão do confinamento era quase tangível, como um parafuso lentamente sendo rosqueado no topo da cabeça.

— Administração. — Faith apontou para um prédio de um andar com teto plano. Foram pelo caminho mais comprido, usando as calçadas em vez de atravessar a argila vermelha densa que se dizia ser o pátio de recreação.

Passaram por três agentes penitenciários encostados na cerca, todos com o olhar vazio. Não havia nada a guardar. Estavam tão entediados quanto os prisioneiros. Ou talvez estivessem ganhando tempo. Seis de seus colegas tinham sido feridos na rebelião. Como grupo, esses profissionais não eram conhecidos pela capacidade de perdoar e esquecer.

Faith manteve a voz baixa, dizendo:

— O diretor surtou com os telefones. A área de segregação já estava lotada. Ele suspendeu o tempo no pátio, fechou a loja da prisão, encerrou as visitas, desligou os computadores e a televisão, fechou até a biblioteca. Durante duas semanas, a única coisa que esses caras podiam fazer era provocar um ao outro.

— Parece um ótimo jeito de começar uma rebelião.

Will abriu outra porta. Os dois passaram por escritórios com janelas de vidro que davam para o corredor. Todas as cadeiras estavam vazias. Em vez de escrivaninhas, havia mesas dobráveis, para garantir que ninguém pudesse esconder alguma coisa. Os prisioneiros ocupavam quase todos os cargos administrativos, já que era difícil de competir com o salário de três centavos por hora.

O escritório do diretor não tinha janela para o corredor, mas Will reconheceu o tom enganosamente calmo de Amanda do outro lado da porta fechada. Imaginou que o homem estivesse soltando fogo pelas ventas. Diretores não gostavam de ser investigados. Outro motivo para o homem ter surtado com todos os telefones confiscados: não havia algo mais humilhante do que ouvir um de seus prisioneiros falando com uma emissora de TV ao vivo de dentro de sua própria instituição.

Will perguntou a Faith:

— Quantas ligações saíram durante a rebelião?

— Uma para a CNN e uma para a 11-Alive, mas estava rolando uma história sobre algum escândalo na eleição, então ninguém prestou atenção.

Chegaram a um corredor longo e amplo, com uma fila ainda mais longa de prisioneiros, que Will supôs que fossem os 18 suspeitos de assassinato. Os homens tinham sido postados como triângulos isósceles infelizes: a parte superior do corpo inclinada para a frente, com pernas esticadas, tornozelos dobrados, a testa apoiada na parede, sustentando um pouco do peso. Ao que parecia, os dois agentes penitenciários cuidando dos suspeitos eram uns escrotos.

O protocolo de confinamento ditava que qualquer detento fora da cela fosse contido com os pulsos algemados e ligados à frente do corpo a uma corrente presa na barriga, e os tornozelos presos a algemas conectadas por uma corrente de 30 centímetros que os impediria de se movimentar pelo espaço. Amarrado dessa forma e forçado a pressionar a testa contra a parede de concreto, o corpo exercia uma pressão e tanto no pescoço e nos ombros. A corrente da barriga adicionava pressão extra à lombar, já que as mãos eram puxadas para a frente pela gravidade. Ao que parecia, os prisioneiros estavam parados dessa forma havia algum tempo. O suor manchava as paredes. Will viu braços e pernas trêmulos. As correntes chacoalhavam como moedas na máquina de lavar.

— Meu Deus do céu — murmurou Faith.

Enquanto a seguia até o fim da fila, Will notou uma variedade de tatuagens com a tinta estremecida familiar da prisão. Todos os prisioneiros pareciam ter

mais de 30 anos, o que fazia sentido. Por experiência própria, ele sabia que homens com menos do que isso faziam muitas coisas idiotas e sem sentido. Se um cara ainda estava na prisão depois da terceira década de vida, era porque tinha feito uma merda grande, porque tinha se ferrado muito na sentença ou porque estava ativamente tomando o tipo de decisão ruim que o mantinha no sistema.

Faith não se deu ao trabalho de bater à porta fechada da sala de interrogatório. Os agentes especiais Nick Shelton e Rasheed Littrell estavam sentados à mesa com uma pilha de pastas à frente.

— ... estou falando, a mina tinha bunda de centauro. — Rasheed parou de contar a história quando Faith entrou. — Desculpa, Mitchell.

Faith franziu o cenho enquanto fechava a porta.

— Eu não sou metade cavalo.

— Caralho, então é isso que quer dizer? — Rasheed deu uma risadinha amigável. — E aí, Trent?

Will ergueu a cabeça, à guisa de cumprimento.

Faith folheou os arquivos na mesa.

— São todas as pastas?

A pasta de cada prisioneiro era basicamente um diário da vida na cadeia: relatórios de prisão, diretrizes de condenação, detalhes de transporte, prontuários médicos, classificação de saúde mental, avaliação de ameaça, nível de educação, programas de tratamento, registros de visitação, histórico disciplinar, preferência religiosa, orientação sexual...

— Alguém promissor? — perguntou a mulher.

Rasheed deu os detalhes sobre os 18 suspeitos no corredor. Will manteve a cabeça voltada na direção do agente especial, como faria alguém que estivesse prestando atenção, mas, na verdade, estava tirando um momento para pensar no que dizer a Nick Shelton.

Anos atrás, quando fora designado ao escritório local sudeste da AIG, Nick trabalhara muito de perto com o ex-marido de Sara. Jeffrey Tolliver era chefe de polícia de Grant County. Tinha sido jogador de futebol americano na faculdade, e o consenso é que se tornara um homem incrível. Alguns dos resumos de Nick sobre os casos que resolveu com o ex de Sara pareciam roteiros de filmes. Jeffrey Tolliver era o Cavaleiro Solitário do Tonto de Nick, se Tonto falasse como Foghorn Leghorn e se vestisse como um dos integrantes dos Bee Gees, com correntes de ouro e jeans apertados demais. Os dois policiais tinham encerrado redes de pedofilia, prendido traficantes de drogas e

investigado assassinos. Jeffrey poderia ter transformado suas vitórias num salário muito mais alto numa cidade maior, mas desprezara a fama e a glória para servir em Grant County.

Sara, provavelmente, teria casado uma terceira vez se o cara não tivesse morrido durante a segunda rodada.

— Bem, podemos trabalhar em cima disso — falou Faith, que, ao contrário de Will, estava prestando atenção ao resumo de Rasheed. Ela perguntou: — Mais alguma coisa?

— Não. — Nick coçou a barba de Barry Gibb. — Podem ficar com a sala. Rash e eu temos três testemunhas que queremos ver de novo.

Faith se acomodou na cadeira abandonada por Rasheed e começou a escolher suspeitos promissores. Will viu que ela foi direto para os formulários disciplinares. Faith acreditava firmemente que a história se repetia.

— E como anda a Sara? — perguntou Nick, virando-se para Will.

Depois de mentalizar diversas respostas humilhantes, ele finalmente se decidiu por:

— Sara está lá no refeitório. Você devia ir falar com ela.

— Valeu, cara.

Com um misto de tapinha e aperto no ombro de Will, Nick saiu.

Will prestou atenção demasiada àquela agarrada no ombro. Era algo entre um aperto do nervo Vulcano e um carinho no pelo da bunda de um cachorro.

Faith esperou até a porta fazer um clique de que tinha sido fechada.

— Foi desconfortável?

— Depende de pra qual metade do cavalo você está perguntando. — Will segurou a maçaneta, mas não abriu a porta. — Qual é a nossa jogada? Não sei se esses caras vão se sentir confortáveis interrogados por uma mulher.

— Acho que você tem razão. — Ela tirou uma pasta da pilha. — Maduro é o primeiro.

Will abriu a porta e encontrou o agente que esperava lá fora. Mantendo a voz baixa, pediu:

— Tire os homens dessa posição antes que eu faça você mijar pela boca.

O homem olhou feio para Will, mas, como a maioria dos valentões, era um covarde. Virou-se para os detentos, berrando:

— Prisioneiros! Para o chão!

Todos soltaram grunhidos de alívio. Os homens se soltaram das paredes de concreto, tinham manchas vermelhas nas testas e olhos vidrados. Alguns tiveram dificuldades de sentar. E outros caíram de bunda, aliviados.

Will chamou:

— Maduro, sua vez.

Um homem baixo e atarracado parou no meio do agachamento. Virou um dos pés, os tornozelos prendendo na corrente curta. Trinta centímetros não era muito, mais ou menos o tamanho de duas notas de dinheiro lado a lado. O caminhar do homem era tenso e difícil. Ele sustentava a corrente da barriga para cima, para não machucar os ossos dos quadris. Havia gotículas de sangue onde o cimento rompera a pele da testa. Ele passou de lado pela porta e esperou em frente à mesa.

As prisões da Geórgia funcionavam com um esquema paramilitar. A não ser que estivessem algemados, os prisioneiros precisavam andar com as mãos unidas atrás das costas. Esperava-se que mantivessem a postura ereta. As celas deviam estar impecáveis, e os lençóis do beliche, arrumados. Mais importante: exigia-se que se dirigissem aos agentes penitenciários com respeito: *sim, senhor, posso coçar minhas bolas, senhor?*

Maduro olhou para Will, esperando que lhe dissessem o que fazer.

Will cruzou os braços diante do peito e deixou Faith tomar a liderança, porque esses caras eram suspeitos de assassinato. Não podiam escolher quem os interrogaria.

— Sente-se — ordenou Faith, e comparou o cartão de identificação e a foto do prisioneiro com a informação na pasta. — Hector Louis Maduro. Servindo quatro anos por uma série de invasões de propriedade. Com risco de mais 18 meses por participar da rebelião. Foi aconselhado sobre seus direitos?

— *Español.* — O homem recostou-se pesadamente na cadeira. — *Tengo derecho legal a un traductor. O te podrías sacar la camisa y te chupo esas tetas grandes.*

O pai de Emma era da segunda geração de americanos em uma família mexicana alocada nos EUA. Faith aprendera espanhol para poder irritá-lo em dois idiomas.

— *Yo puedo traducir por ti y puedes hacerte una paja con esa verguita de nada cuando vuelvas a tu celda, pendejo de mierda.*

Maduro arqueou as sobrancelhas.

— Caramba, branquela, não sabia que ensinavam essas sujeiras na escola das riquinhas.

Faith foi direto ao ponto:

— Você era associado conhecido de Jesus Vasquez.

— Olha... — Maduro se inclinou para a frente, as mãos agarrando a

beirada da mesa. — Tem um monte de prisioneiros aqui que vão dizer que são inocentes, mas eu não sou inocente, está bem? Cometi os roubos pelos quais fui condenado. Mas vou falar uma coisa: já vi um monte de injustiças aqui nesta instituição. Tanto da equipe com os prisioneiros, quanto dos prisioneiros com outros prisioneiros. E tenho que avisar que sou cristão. Para mim, o certo é o certo e o errado é o errado. Então, quando eu digo que os prisioneiros estavam juntos por um propósito comum, para garantir os direitos humanos de...

— Vou interromper essa sua palestrinha — disse Faith. — Você conhecia Jesus Vasquez?

Maduro olhou dela para Will, ansioso.

Will manteve uma expressão neutra. Aprendera que em interrogatórios o silêncio servia como um quebra-gelo eficaz.

Faith continuou:

— Você já foi pego com celulares. Tem duas advertências na ficha por discutir com...

Nick entrou na sala como um raio. Claramente, estivera correndo. O suor escorria pelas costeletas. Segurava uma folha de papel amassada no punho fechado. Ele se virou para Maduro, mandando:

— Cai fora, prisioneiro.

Faith olhou para Will, sem entender. Will deu de ombros. Nick era agente havia vinte anos. Tinha visto de tudo, do odioso ao idiota. Se algo o deixara abatido, melhor que todos soubessem.

— Anda. — Nick empurrou Maduro na direção do agente no corredor. — Quero todos de volta às celas.

A porta foi fechada. Nick não falou, apenas abriu o bilhete em cima da mesa. O suor pingou no papel. Ele estava ofegante.

Faith olhou outra vez para Will, sem entender.

Ele deu de ombros, como fizera cinco segundos antes.

Faith abriu a boca para tentar arrancar alguma informação de Nick, mas ele começou a falar antes:

— Um detento chamado Daryl Nesbitt me passou este bilhete. Quer negociar. Diz que sabe quem matou Vasquez e como estão conseguindo os telefones.

Desta vez, foi Will que olhou para Faith, sem entender. Era um acontecimento extremamente positivo. Por que Nick parecia tão surtado?

Faith teve a presença de espírito de perguntar:

— O que mais o bilhete dizia?

Nick não falou, o que era ainda mais estranho. Em vez disso, deslizou o papel na direção de Faith.

Ela estudou as palavras, recitando as partes importantes.

— Quer fazer uma troca. Sabe onde os telefones estão sendo escondidos...

Nick interrompeu:

— Terceiro parágrafo.

Faith leu:

— Sou vítima de uma conspiração da polícia de uma cidade pequena para me colocar na prisão pelo resto da vida por um crime que não cometi.

Will não examinou a carta por cima do ombro dela, apenas observou o rosto de Nick. Era o retrato de um homem em conflito. A única coisa de que Nick parecia certo era que não ia olhar para Will.

Faith continuou:

— Aquele condado de merda era uma panela de pressão. Uma universitária branca foi atacada. O campus estava em alerta. Mulher alguma se sentia segura. O chefe tinha que prender alguém, qualquer um, ou ia perder o emprego. Inventou um motivo para vir atrás de mim.

Faith se virou para Will. Claramente tinha lido mais à frente e não gostava de onde aquilo estava indo.

Will manteve o foco em Nick, que, de repente, foi consumido pelo desejo de limpar as manchas das pontas ornamentadas de metal de suas botas azuis de caubói. Will o observou tirar um lenço do bolso, depois se inclinar e polir a prata como um engraxate.

Faith continuou lendo:

— Sou inocente. Não estaria aqui se não fosse por aquele policial corrupto e seu departamento mais corrupto ainda. Todos em Grant County acreditavam nas mentiras daquele chefe de merda.

Faith leu mais, mas Will tinha ouvido tudo o que precisava.

Universidade. Grant County. O chefe.

Nesbitt estava falando de Jeffrey Tolliver.